

## **O folheto da literatura de cordel como mídia informativa: uma revisão bibliográfica sobre o “jornal do sertão”<sup>1</sup>**

Alberto PERDIGÃO<sup>2</sup>  
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

### **RESUMO**

Analisa dados de uma pesquisa bibliográfica realizada em torno do folheto informativo da literatura de cordel, para, ao final, afirmar que a referida mídia impressa tem caráter informacional específico e diferenciado em relação ao jornal convencional. Parte da premissa de que o folheto é um dispositivo midiático de caráter folkcomunicação utilizado de forma alternativa no Nordeste e pelo nordestino. Reconhece diferenças e convergências entre o folheto e o jornal, relacionadas à elaboração, distribuição, venda e consumo; à forma, conteúdo e modelos de narrativa. Destaca a temporalidade e o que se chama aqui de renócia, como diferenças; e os critérios de noticiabilidade e a temática, como convergências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de cordel; folheto de cordel; mídia informativa; jornal do sertão.

### **Introdução**

Luiz Ernesto Kawall já era jornalista há 18 anos, naquele 1969, quando entregou à Escola de Folclore de São Paulo sua monografia intitulada Literatura de cordel - o “jornal do sertão” (LUYTEN, 1992, p. 46), que apresentava uma abordagem relativamente inovadora para um tipo de literatura mais identificada com histórias eternas da tradição oral, da ficção, e não com as narrativas voláteis do cotidiano e de personagens reais. Certamente não foi aquela a primeira vez que o folheto da literatura de cordel foi comparado à mídia informativa impressa jornal, mas, possivelmente, foi esta uma das primeiras referências ao folheto como um substituto, uma alternativa, de informar e de ser informado no sertão.

Em 1979, Mark Curran publicou um estudo intitulado A Voz dos Poetas - registro da cosmovisão do povo, em que dedica 34 páginas ao tema, mais exatamente nos itens Histórias circunstanciais ou “De Época”: temas gerais e A Realidade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Políticas Públicas e Sociedade, e-mail: [aperdigao13@gmail.com](mailto:aperdigao13@gmail.com).

Econômica: a Luta de Sobreviver. É neste estudo que o autor chama do folheto de cordel de “jornal do povo” (2014, p. 215), sem, entretanto, se aprofundar no caráter informativo do folheto, exceto quando tratado da política como notícia. O assunto ganha, de forma ligeira, três páginas, como subitem, com o título A Política: Eventos, Figuras e Comentários, em que pouco fala de poetas-repórteres que entrevistou e em que quase nada diz.

A característica do folheto de cordel ser informativo pode ser vista mais claramente hoje, e uma vez analisada a bibliografia produzida no período. Contribuições mais recentes, das décadas de 2000 e 2010, discutem o folheto informativo como mídia alternativa, servindo de pista, quem sabe de ponte, para uma análise mais global, integrada e complexa que explique a literatura de cordel como bem imaterial da cultura brasileira e a região Nordeste como um desenho da cartografia social. Dias e Albuquerque chamam o folheto de “jornal nordestino” (on-line, p. 12), ao listar os temas que “alimentam o caráter jornalístico dessa produção”, entre eles as ocorrências da política correspondentemente consagradas pelo jornal convencional.

Observe-se que, nas três citações, os autores fazem referência a um território imaginado específico, o sertão, no caso o Nordeste brasileiro, ou apontam para um tipo de leitor/ouvinte diferenciado, no caso o povo que se reconhece como nordestino. Ou seja, os títulos requeridos remetem a um dispositivo midiático identificado como de uma região, que não é a da produção nem a da circulação do jornal convencional, e como de um público que não se reconhece ou não se satisfaz unicamente com as notícias veiculadas pela convenção. Em suma, se há um jornal que é do Nordeste/do nordestino, há, complementarmente, um jornal que não é do Nordeste/do nordestino.

O presente artigo analisa dados de uma pesquisa bibliográfica que revisitou livros e artigos relacionados à literatura de cordel, com ênfase ao ciclo temático do folheto informativo - denominado de época, de circunstância, de ocorrido, de acontecido, de circunstância etc. Tem-se como pergunta motivadora que características de forma, conteúdo e narrativa definem o folheto informativo da literatura de cordel. E, como hipótese, intui-se que a referida mídia impressa tem o caráter informacional específico e diferenciado em relação ao jornal convencional.

---

É a primeira parte de uma análise mais ampla, que incluirá três outros atributos - não excludentes - do folheto informativo, quais sejam o alternativo, o popular e o resistente (contra-hegemônico), objetos de uma posterior revisão bibliográfica.

### **Mídia informativa**

O folheto informativo começou a ser impresso em cidades importantes do Nordeste, primeiro no Recife, uma espécie de capital econômica e política da região, no último quartel do século XIX, e só, no primeiro quartel do século XX, passou a ser produzida também nas cidades de porte médio, cabendo o destaque, neste caso, a Juazeiro do Norte, no sul do Ceará, um tipo de meca nordestina, uma síntese cultural e religiosa do sertão, que, então, se expandia em torno da figura emblemática do Padre Cícero. As poesias-reportagens viajavam em lombos de animais, trens e caminhões, e chegavam ao público das cidades de menor porte, como um dos produtos imprescindíveis da feira frequentada pelas populações dos territórios relativamente isolados do entorno.

O folheto chegou ao sertão, naquela primeira metade do século, antes das ondas do rádio, que eram sintonizadas por poucas famílias com poder de compra para dispor de um aparelho receptor. A produção de folhetos se expandiu, à medida em que as impressoras, obsoletas nas maiores cidades, foram adquiridas pelas cidades menores e a distribuição se otimizou, ao ritmo do avanço dos meios de transporte. Eram vendidos por poetas, por editores e/ou por folheteiros, funções às vezes coincidentes no todo ou em parte, os quais declamavam a poesia-reportagem, no todo ou em parte, como forma de atrair o público interessado nas novidades que, então, podiam ser vistas pela janela que representavam aquelas oito ou 16 páginas do livreto.

A poesia-reportagem, como é da literatura de cordel, era escrita para lida ou ouvida várias vezes por um contingente elevado de analfabetos. O preço do folheto, que ainda hoje não ultrapassa o do exemplar do jornal impresso, tornava-se proporcionalmente mais em conta, à medida que aumentava o número de pessoas alcançadas na família e na vizinhança. Com métricas e rimas que se sustentam na tradição oral, as notícias eram lidas com facilidade, entendidas e mesmo memorizadas. Este é, certamente, um dos motivos pelos quais o folheto ainda hoje tem a aceitação de

---

pessoas que não se identificam na mesma intensidade com as narrativas do jornalismo convencional, da tradição literária.

O encontro do leitor ou ouvinte com a informação já não ocorre, salvo raras exceções, nas feiras de cidades do interior. A mudança que restringe a relação com poeta-repórter ou com o folheteiro se explica, talvez, pelo custo do deslocamento daquele vendedor ambulante, pelas taxas que lhe são cobradas para ocupar o espaço público, pelo risco da mala ou do pano de folhetos ser tomado pela ação de fiscalização contrária à venda informal - ou ainda pela combinação desses fatores que, ao final, impactam negativamente no preço ou na margem de lucro. A venda, hoje, ocorre mais comumente em pontos fixos, em feiras literárias e eventos de cultura popular para um público formado também por turistas, estudantes e pesquisadores.

Sendo alternativo - tema que será tratado em artigo à parte -, o folheto informativo da literatura de cordel é outro, é um meio diferente, com características específicas, na forma e no conteúdo, nas maneiras de produzir e de consumir, em relação ao jornal impresso convencional. A comparação auxilia a compreender o que há de aproximação e de afastamento, as fraturas e as fronteiras híbridas que ocorrem entre os dois dispositivos. Orígenes Lessa provavelmente foi o primeiro a analisar a interface, ao afirmar que “a literatura popular não é apenas imaginação. É também a observação, o comentário, a crítica da vida cotidiana. E sob esse aspecto ela se aproxima, vivamente, do jornalismo” (1973, p. 30).

Joseph Luyten, referência no estudo do folheto de cordel como mídia informativa, afirma que folhetos noticiosos [contêm] “de alguma forma, mensagens de cunho informativo do tipo que se aproxima das preocupações da imprensa de massa” (1992, p. 25). Para Rute Terra, “os poemas de época não se confundem com o relato jornalístico dos acontecimentos, mesmo quando na descrição dos fatos o poeta emprega expressões veiculadas pela imprensa no momento. O ‘noticiário’ nestes poemas é transmitido através de uma outra linguagem” (1983, p. 72).

Hélder Pinheiro e Ana Cristina Lúcio (2001, p. 23), por sua vez, afirmam que “os folhetos de circunstância, outra modalidade da literatura de cordel, não podem ser confundidos com o relato jornalístico dos acontecimentos, eles possuem uma linguagem que lhes é própria”. Não obstante reconheçam naqueles a veiculação das “últimas notícias sobre os acontecimentos políticos do país e do mundo, até histórias curiosas de

assassinatos de pessoas famosas ou assombrações que andam pelo sertão”. E Mark Curran complementa, afirmando que [o folheto] “compete rara vez com os jornais, mas, sempre com mais ênfase no grande evento e com o propósito de não só informar, mas fixar o assunto na memória do povo” (2014, p. 282).

Autores dedicados ao estudo da literatura de cordel apontam, respectivamente, as diferenças abissais ou fraturas e as fronteiras híbridas ou confluências que o folheto informativo estabelece com o jornal convencional. Diferenças abissais ocorrem na produção, na distribuição e no consumo do folheto. Podem ser verificadas também no formato do dispositivo midiático e nos modelos da narrativa informativa. E estão presentes ainda no timing da notícia, ou seja, da relação do processo de elaboração, distribuição e consumo do folheto com o tempo. As confluências com o jornal tradicional dizem respeito aos critérios de noticiabilidade e aos temas e fatos que ganham as páginas do folheto informativo.

### **Diferenças abissais ou fraturas**

Em relação à produção, o folheto informativo é escrito por um repórter-poeta. São homens ou mulheres de diferentes idades, de distintos níveis de renda e de escolaridade. O que têm em comum, além do talento de escrever sobre fatos ou temas em versos, é a capacidade de representar um território marcado pela exclusão comunicacional e de, efetivamente, atuar como observador, ouvidor e porta voz de um público. Este público diverso e plural é a primeira fonte de informação do poeta-repórter, que também se informa por meio do noticiário do jornal, do rádio, da televisão e da internet; por meio do conteúdo das ciências, especialmente dos livros; e pelas artes, notadamente as audiovisuais.

Não há um modelo de elaboração de uma poesia-reportagem ou um perfil padrão para o poeta-repórter, como chegaram a defender alguns conservadores e puristas, poetas e estudiosos da literatura de cordel. O modo de fazer um folheto, que parte das iniciativas fordistas de Leandro Gomes de Matos, no último quartel do século XIX, e que, de maneira geral, se mantém inalterado, ao longo de quase um século e meio, também vem sendo influenciado e modificado, em algum grau, pelos movimentos da sociedade, do mercado, da política e das tecnologias. As alterações mais de cunho

adaptativo que disruptivo também se verificam na distribuição e no consumo dos folhetos.

Outro dos diferenciadores é o formato que, no caso do folheto, se mantém praticamente intacto ao longo de sua existência, não obstante os avanços tecnológicos experimentados pelo papel e pela impressão, e as consequentes mudanças estéticas ocorridas nas capas e miolo. A introdução da xilogravura como técnica para a ilustração da capa representou mais uma afirmação do folheto como produto da folkcomunicação e menos como uma descaracterização do dispositivo. Os “livretos magrelos”, no dizer de Joaquim Crispiniano Neto (2009, p. 23), seguem sendo compactos para o manuseio, portáteis para o bolso da roupa, duráveis para o empréstimo, fáceis de colecionar, bem ao agrado dos apreciadores.

Em relação à interface que o folheto informativo mantém com o tempo, é diferenciador o imperativo do imediatismo que, na literatura de cordel, é flexível. Pode que o poeta-repórter se apresse e o folheto circule no mesmo dia do acontecido, antes mesmo, portanto, do jornal do dia seguinte. Ou pode que circule poucos dias depois e, às vezes, após a veiculação da cobertura de toda a imprensa (BELTRÃO, 1971; LUYTEN, 1992). A agilidade do poeta-repórter foi observada ainda nos anos 1960, quando os jornais e revistas, como fonte de informação, já eram mais acessíveis, e o rádio já se havia popularizado no interior do país. Manuel Diegues Júnior também aborda a característica aqui analisada.

Mal acontecido o fato, e logo aparece o folheto contendo a história. Ainda em data recente (1968), menos de quatro ou cinco dias das enchentes que houve em Pernambuco, e particularmente no Recife, aparecia o folheto que narrava o fato: As Cheias do Interior e no Recife, aparecia o folheto correspondente: Naufrágio dos Navios Brasileiros nas Águas Sergipanas e a Traição de Mandarin. Menos de seis ou oito dias depois de haverem os astronautas descido na lua, em julho de 1969, já me chegava às mãos, por gentileza de René Ribeiro, o folheto em que Rodolfo Coelho Cavalcante registrava o fato: A Conquista do Homem à Lua. Astronautas Americanos. Folhetos sobre cheias, desastres, crimes, da mesma forma, são divulgados quase de imediato. O que acontecia também com os feitos de Lampião ou os milagres do Padre Cícero. (DIEGUES JÚNIOR, 1986, p. 175).

A ausência de periodicidade ou da previsibilidade de uma nova edição, mesmo que do mesmo autor, mesmo que do mesmo fato ou tema, é outro aspecto distinto e qualificador do folheto informativo. “Como destaca Joseph Luyten, “à exceção dos

poetas-repórteres como José Soares e Cuíca de Santo Amaro que publicavam semanalmente seus folhetos, quase todos os outros o editavam assistematicamente” (1992, p. 34). Os dois poetas-repórteres citados atuaram regularmente e por décadas, no Recife e em Salvador, respectivamente. “Os folhetos aparecem quando o assunto que move sua produção transborda a monotonia costumeira” (1992, p. 36).

Por outro lado, o folheto informativo é menos perecível, não caduca a cada 24 horas como no caso dos diários. Melhor, tem vida útil elástica pelo uso por parte de diferentes leitores/ouvintes, até que se o guarde, muitas vezes, como exemplar de uma coleção. Desta forma, a satisfação de estar informado se descola do paradigma do furo jornalístico e, então, aproxima-se do prazer de ser informado por meio de uma narrativa menos alienada e mais representativa. Quanto à longevidade do folheto informativo, afirma Mark Curran:

A poesia é vista como uma espécie de jornalismo popular, mas diferente do jornalismo tradicional dos diários urbanos em que, além de informar o leitor, a literatura de cordel perpetua o evento ou o fato na mente do público leitor. Este ponto de vista é fácil de compreender quando se lembra de que a literatura de cordel trata principalmente o evento importante ou fora do ordinário, que o jornal urbano usualmente se joga fora depois de uma leitura, e que o folheto é colecionado, guardado, e apreciado como uma espécie de arquivo popular. (CURRAN, 2014, p. 128).

Finalmente, considere-se a especificidade da narrativa noticiosa no folheto. O fato ou o tema é exposto em poesias que ocupam oito páginas, ou seus números múltiplos. Cada página traz, em média, duas ou três estrofes, dependendo do número de versos e do corpo da letra. As estrofes têm, normalmente, seis (sextilha), sete (septilha) ou dez versos (décimas). Cada verso leva o mesmo número de sílabas poéticas, com a última sílaba tônica sempre no mesmo lugar previsto pela técnica, a qual se origina na literatura oral e ainda hoje pode ser ouvida, por exemplo, na tradição do improvisado das cantorias e pelejas. As rimas também seguem posições predeterminadas, que variam de acordo com o número de versos.

Também sobre a narrativa, esta segue o que, na literatura de cordel, é denominado de oração. É o encadeamento, a concatenação, o começo, meio e fim da narrativa, que se exigem com rigor do poeta-repórter, tanto quanto a obediência à rima e à métrica. A oração nada tem a ver com a fórmula da pirâmide invertida proposta pelo teórico da comunicação estadunidense, Harold Laswell, para a narrativa noticiosa - as

informações se dispõem no texto do maior ou menor grau de importância. Tampouco o poeta-repórter se prende aos princípios da objetividade, entendida como isenção, que, melhor, no jornalismo do jornal, tende apenas a variar entre a utopia e o simulacro.

É possível ainda considerar que o poeta-repórter não só é relativamente livre em relação aos aspectos que aborda, à hierarquia de importância que lhes atribui e à ordem com que os apresenta, mas, sobretudo, imprime à narrativa um toque pessoal, subjetivo e tendencioso. Ele se afasta da intenção de isenção, para se aproximar do senso comum e dos preceitos morais do leitor/ouvinte que espelha. Tendo as representações do público e, também, o noticiário dos meios convencionais como fontes de informação, o poeta elabora uma espécie de renúncia, por meio de que traduz e decodifica a realidade ou a realidade noticiada (LUYTEN, 1992). No folheto, então, está a notícia emanada do povo, elaborada para o povo e, mais claramente, com o povo.

Sobre o que se chama aqui de renúncia, cabe a reflexão, primeiro, de que se trata de uma outra notícia, uma alternativa de notícia, que não a veiculada pelo jornal convencional. Com Karcia Dias e Elizabeth Albuquerque, tem-se que “os fatos reais por mais que sejam verdadeiros e bem fundamentados, noticiados em meios de comunicação confiáveis, podem apresentar divergência nas narrativas em que os poetas populares constroem a partir de seu imaginário” (on-line). Entenda-se imaginário não como uma capacidade de inventar ou mentir, mas de interpretar livremente a realidade - como o faz também o repórter do jornal -, de imaginá-la segundo a sua a sua perspectiva, que, como visto, é semelhante à do leitor também.

A renúncia carrega um elevado grau de subjetividade, que a caracteriza e a diferencia da narrativa do jornal. Como afirma Joseph Luyten, o folheto informativo “se preocupa essencialmente com aspectos interpretativos e opinativos e não informativos, pura e simplesmente” (1992, p. 23). Outra característica que acompanha toda a trajetória do folheto informativo é o tom de crítica e de sátira, no sentido da reprovação e do deboche, respectivamente. O estilo pode ser uma herança dos jornais de forte cunho opinativo, às vezes panfletário, dos primeiros anos da República (SODRÉ, 2011), que exerciam um igualmente forte controle social sobre a nova política e os novos costumes.

Afirma Mark Curran que “esta literatura tradicionalmente tem uma orientação e interesse político, mas no sentido jornalístico quando o poeta sente a obrigação de poeta

popular de informar e comentar os eventos de seu tempo” (2014, 222). Manuel Diegues Júnior amplia a discussão:

Sobre carestia, alta de preços, falta de mercadorias, o aparecimento dos cabeludos, manifestações de devassidão ou corrupção, formas de namoro modernas, a maneira de vestir ou de dançar ou de sair à rua das moças e senhoras - eis um elenco, pequeno embora, de temas que o poeta popular procurou fixar, em sua poesia, traduzindo, de certa maneira o sentimento do seu grupo em relação a fatos novos, nem sempre bem aceitos em face dos valores tradicionalmente preservados. (DIEGUES JÚNIOR, 1986, p. 125).

### **Fronteiras híbridas ou confluências**

Já o que aproxima o folheto informativo do jornal convencional são os critérios de noticiabilidade e, conseqüentemente, a pauta, ou seja, a escolha dos assuntos e dos fatos, em última análise, os conteúdos abordados. Grosso modo, as escolhas são as mesmas, porque os critérios são praticamente os mesmos. O professor emérito da Universidade de Nova Iorque e teórico do jornalismo da primeira metade do século XX, F. Frazer Bond (s/d, apud LUYTEN, 1992) propôs quatro fatores que determinam o valor notícia e que se verificam nos folhetos informativos: oportunidade (atualidade), proximidade (identidade com o público), tamanho (intensidade ou extensão) e importância (relevância).

Em relação aos temas e fatos abordados, Luiz Beltrão assevera que “praticamente, os últimos decênios, não há acontecimento de importância regional, nacional ou universal que não seja ‘noticiado’ através dos folhetos” (1971, p.70). Orígenes Lessa amplia, ao afirmar que:

Eles não se limitam aos acontecimentos policiais. As revoluções, as campanhas eleitorais, os acontecimentos políticos e a própria luta ideológica provocam inúmeros folhetos. O trovador popular não fica indiferente às guerras lá de fora. Hitler e Mussolini, como o Kaiser no seu tempo, provocaram revolta entre os nossos poetas. A guerra da Coréia, durante todos os anos da luta, inquietou os poetas humildes do Mercado Modelo ou do Pátio do Mercado de São José. (LESSA, 1971, p. 31).

A diversidade temática é reiterada por outros autores. É uma característica que se mantém em folhetos mais recentemente publicados. “Entre o conteúdo informacional dos folhetos estão assuntos ligados à política, história, problemas sociais e de ordem pública e temas ligados à saúde e medicina preventiva” (TENÓRIO; BARBOSA;

ASSIS, on-line). “O cordel de circunstância relata e dissemina notícias e relatos de uma época voltada para um segmento da sociedade (fatos históricos, do cotidiano, esporte, desastres, entre outros), mas também é utilizado para disseminar informação científica e tecnológica (inovações agrícolas, ações de programas de saúde, e outros) (SILVA, 2012, p. 23 apud DIAS; ALBUQUERQUE, on-line).

Em relação aos valores notícia que pautam o poeta-repórter, Roberto Benjamin destaca a atualidade, ao afirmar que “os folhetos que abordam temas da atualidade ou de ‘acontecidos’ baseiam-se em fatos de repercussão local, regional, nacional e até internacional, desde a virada do ônibus, na entrada da cidade, até a conquista da Lua, a morte dos presidentes ou a copa mundial de futebol” (2013, p. 550). Oswald Barroso relaciona a atualidade com o sucesso de venda dos folhetos. Essa atualidade se conecta com a relevância social atribuída ao fato pelo leitor, por conseguinte, como visto, pelo poeta-repórter.

Folhetos sobre acontecimentos de significativa repercussão social obtiveram tiragens numerosas. “A Morte de Alcides Teixeira” e “O Industrial Fracassado ou o Senador Caloteiro de Pernambuco”, editados em Pernambuco, a “Opinião dos Romeiros sobre a Canonização do Padre Cícero pela Igreja Brasileira”, “A Proibição do Bispo de Crato Contra Frei Damião”, “A Corrupção no Ceará e A Intervenção Imprevisível do Governador em Juazeiro do Norte”, “Pai Castra o Namorado da Filha em Assaré”, editados no Ceará, são exemplos de que o cordel de maior repercussão volta-se para acontecimentos atuais de implicação social. (BARROSO, 2019, p. 527).

Manuel Diegues Júnior reconhece a proximidade como valor notícia, mas a relativiza.

São fatos ocorridos ora na própria localidade, ora em região próxima, ora mais longe, ora em partes mais distantes do mundo. Daí se registrarem inundações ou secas no próprio Nordeste, milagres de Padre Cícero ou crimes ocorridos nas capitais, o recenseamento de 1950 ou o assassinio do Bispo de Garanhuns, a figura de Getúlio Vargas ou a revolução de São Paulo, a vitória do movimento de 1964 com a figura de Castelo Branco a combater a corrupção ou a chegada dos astronautas à lua, o que foi fixado, em folheto de cordel, poucos dias após o fato noticiado pela imprensa. (DIEGUES JÚNIOR, 1986, p. 176).

Ainda dialogando com os autores aqui acolhidos, sobre o valores notícia como região híbrida entre o folheto informativo e o jornal, tem-se que as poesias-reportagens são melhor aceitas pelo público quando tratam de celebridades e de “grandes eventos”, e

que “chamam atenção”, nas palavras de Mark Curran (2014, p. 285). “Getúlio [Vargas] ainda [anos depois de morto], a morte de um Papa, de um Presidente querido, o homem na lua, um crime bárbaro e horrível, um desastre terrível, o tricampeonato de futebol, etc”, exemplifica o autor. Joseph Luyten e Ivan Proença oferecem duas extensas listas de títulos de folhetos informativos, que ajudam a aquilatar a importância da dimensão dos personagens e das ocorrências, atribuída pelo público e que influenciam os poetas-repórteres.

Eles escreveram sobre o “milésimo gol de Pelé”, a “Chegada do Homem à Lua”, “A Morte de Getúlio Vargas” e de outros políticos famosos. E neste momento já devem ter saído folhetos sobre a “Crise do Petróleo” e o “Cometa Kohoutek”. Essa é a resposta imediata do povo aos acontecimentos por meio do Cordel e o “Cometa Kohoutek”. Essa é a resposta imediata do povo aos acontecimentos por meio do Cordel e aí está toda a importância dessa manifestação cultural. (...) O carangueijo [sic] de Várzea Nova, O Pavoroso Crime de Caruaru, o Crime de Panelas, O Pavoroso Desastre do Ônibus em Pesqueira, O Homem que Deu à Luz nos Sertões de Minas Gerais, O Grande Desastre de Vitória, A Lamentável Morte do Deputado Alcides Teixeira, A Pranteada Morte do Padre Cícero Batista, O Inverno de 1974 e os Sinais dos Fins dos Tempos, A Candidatura de Getúlio Vargas, A Gripe Inglesa Passeando no Brasil, A Ponte Rio-Niterói, O Problema do Menor Abandonado, A Queda D’Alemanha e a Derrota do Nazismo, A Morte de Kennedy, O Julgamento de Sacco e Vanzetti, O Homem na Lua, A Terra Brilhará outra Vez – A Vinda do Cometa Kohoutek, Os Uruguaios que Comeram Carne Humana. (LUYTEN, 1992, p. 46-47).

É de notar que, quando da segunda guerra mundial, o assunto, épica e dramaticamente desenvolvido, serviu aos folhetos, tal como exemplificam O Brasil na guerra, de João Ferreira Lima, e A Chegada de Hitler no inferno, de d’ele o tal Cuica de Santo Amaro. (...) Mas esses folhetos circunstanciais têm muita aceitação. Não há crime, desastre ou desgraça, pública ou privada, que não rebente logo num ou em muitos folhetos: “O monstruoso crime da Madalena: a mulher matou o marido a golpes de machado”, “O desastre do Trem de Peri-Peri”, “O Naufrágio do Vapor Uberaba”, “Os treis [sic] amigos maranhenses vítimas na fúria das ondas”, “O Pai que forçou a filha na sexta-feira da Paixão...”. E por que não “O rapto misterioso do filho de Lindbergh?”. (PROENÇA, 1976, pp.41-42, 43-44).

### Considerações finais

O presente artigo analisou dados recolhidos de uma pesquisa bibliográfica realizada em torno do folheto informativo da literatura de cordel, chamado por poetas,

editores, folheteiros, leitores e ouvintes, e por estudiosos de época, de circunstância, de ocorrido, de acontecido, de circunstância etc.

Partiu de duas premissas. A primeira é a de que o folheto é um dispositivo midiático de caráter folkcomunicação utilizado de forma alternativa para a veiculação de informações de fatos e temas. A segunda é a de que sendo o folheto informativo um “jornal” alternativo do Nordeste e do nordestino, há, em contrapartida, um jornal convencional que não se identifica ou que não estabelece relação de pertencimento com aquela região imaginada e com aquele contingente que se reconhece como nordestino.

Considerou, inicialmente que o folheto informativo, como toda a literatura de cordel, tem como fundamentação e essência a tradição oral, e tratou de explicar os contextos temporal e espacial em que aquele folheto surgiu e se expandiu pelo interior do Nordeste.

Identificou as características que fazem do folheto informativo uma mídia específica e comparou esses atributos intrínsecos com os do jornal convencional. Revelou que as especificidades do folheto são de elaboração, distribuição, venda e consumo; de forma, de conteúdo e de narrativa.

Entre as diferenças abissais (ou fraturas), apontou as de temporalidade, quais sejam o imediatismo, a periodicidade e a perecibilidade da notícia. E as de narrativa, em que se destacou o que aqui se chamou de renócia, ou seja, a subjetivação da notícia, por meio da observação, da interpretação e da decodificação da realidade por parte do poeta-repórter.

Ao final, apresentou fronteiras híbridas (confluências) existentes entre o folheto informativo e o jornal convencional, notadamente relacionadas aos critérios de noticiabilidade e, conseqüentemente, à pauta, ou seja, às temáticas acolhidas nas poesias-reportagens.

Conclusivamente, respondeu-se a pergunta que características de forma, conteúdo e narrativa definem o folheto informativo da literatura de cordel e, desta forma, comprovou-se a hipótese de que a referida mídia impressa tem caráter informacional específico e diferenciado em relação ao jornal convencional.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, Oswald. **Ceará Mestiço**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019).

---

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**: em estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação**: os veículos de manifestações da cultura popular. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013).

CRISPINIANO NETO, J. **Lula na Literatura de Cordel**. 2. ed. Fortaleza: IMEPH, 2009.

CURRAN, Mark. **Relembrando a velha literatura de cordel e a voz dos poetas**. Lexington: Trafford, 2014.

DIAS, Karcia Lúcia Oliveira; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Aconteceu virou cordel**: analyze of cordel about Getúlio Vargas's death based on the light of likelihood. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2014v19n41p1/28288>. Acesso em: 18/05/2018.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel et al. **Literatura popular em versos**. São Paulo: Editora Itataia Limitada; Editora Universidade de São Paulo, 1986.

LESSA, Orígenes. **Getúlio Vargas na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1973.

LUYTEN, Joseph Maria. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

TENÓRIO, Carolina Martins; BARBOSA, Cleiton Garcia; ASSIS, Regiane Alves de. **Literatura de cordel como fonte de informação**. [http://www.fespsp.org.br/sic2012/papers/2011/BIB/literatura\\_de\\_cordel\\_como\\_fonte\\_de\\_informacao.pdf](http://www.fespsp.org.br/sic2012/papers/2011/BIB/literatura_de_cordel_como_fonte_de_informacao.pdf). Acessado em: 18/05/2018.

TERRA, Rute Brito Lêmos. **Memória de lutas**: literatura de folhetos no Nordeste. São Paulo: Global Editora, 1983.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A ideologia do cordel**. Rio de Janeiro: Imago Editora; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: INTERCOM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.